

MODELO DE TRABALHO DE EXTENSÃO PARA A 8ª JICE

Daniel Soares Brito¹, Carolina Reichert do Nascimento²

¹ Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - UFOB. Bolsista voluntário – PIBIC/UFOB e-mail: <danielsoaresdebrito@gmail.com>

² Professora Assistente de Artes – UFOB/Campus Barreiras. Orientadora PIBIC/UFOB. Docente de Artes. e-mail: <reichertcarolina@gmail.com; carolina.reichert@ufob.edu.br>

Resumo: O texto traz um panorama das ações do Projeto Ateliê urbano, registrado junto a Universidade Federal do Oeste da Bahia, Campus de Barreiras, que tem como objetivo proporcionar a aproximação entre discentes e comunidade em geral por meio das linguagens da arte urbana. O projeto intenta promover abertura a essas práticas artísticas viabilizando o projeto em Escolas, bairros e demais locais cedidos pela população de Barreiras e também, na região. Além disso, são promovidas oficinas em Escolas para que se pratique pelos estudantes a linguagem do stêncil. Com isso, nota-se o envolvimento da comunidade para com o projeto e suas ações nos locais em que atua em função do seu acolhimento.

Palavras-chave: arte urbana, Barreiras, intervenção artística

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tenta explanar as atividades desenvolvidas ao longo do período de vigência do projeto de extensão Ateliê Urbano, vinculado a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e compreende o período de 2015 a 2017. Essa proposta extensionista tem como foco as práticas artísticas intervencionistas que se debruçam sobre as linguagens da arte urbana, de modo preponderante, o Graffiti e a pintura mural. Com isso, o texto tenta dar visibilidade aos aspectos concernentes a suas ações, sua organização e atuação na cidade de Barreiras (BA). Além disso, explana sua tentativa e empenho de ampliação das atividades em cidades da região do oeste baiano.

2 OBJETIVOS

Este projeto tem como objetivo principal propor ações artísticas em espaços públicos e privados em Barreiras (BA), como também nas cidades do oeste da baiano proporcionando, aos discentes da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e comunidade em geral, a aproximação e diálogo às linguagens da arte urbana, o Graffiti e a pintura mural, em ambientes de experimentação e difusão das práticas artísticas. Quando nos relacionamos com as especificidades dos objetivos pretendemos, ainda, aproximar os integrantes do projeto aos processos artísticos que envolvem o Graffiti e ao momento em que se congregam a parceria Universidade e comunidades. Com isso, se estabelecem diálogos valiosos com a comunidade que se movimentam em torno de uma prática incomum ao seu habitat e meio ambiente.

3 JUSTIFICATIVA

A linguagem da arte urbana tem, cada vez mais, possibilitado evidenciar e questionar o cotidiano peculiar a cada grupo social quando possui a preocupação de inscrever, deixar traços, assinar, etc (CANDAU, 2014). Nesse caso, a tradição escrita pode tomar forma por meio da sensibilidade artística quando traduz a socialização da memória e do território em intervenções ar-

tísticas - como o graffiti, pintura mural, sticker, stêncil, pôster (CARLSSON, 2015) - ao longo do ambiente urbano. Dessa maneira, é possível enaltecer uma identidade cultural perante uma releitura artística e atualizada através das artes visuais, pois visa o contexto de compartilhamento da arte na rua e da comunicação dos aspectos da cultura existente a determinado povo.

Em Barreiras (BA), a preocupação de alguns artistas em manifestar a cultura local e regional é mostrada em painéis pintados em espaços públicos e privados. Vários são os exemplos em locais públicos da cidade que destacam essa prática a qual foi frequente em anos atrás, como no antigo Teatro de Barreiras, localizada no Centro Histórico do município e, popularmente conhecido como a Casa da Fazenda Sertaneja. Nessa casa, Edeltrudes Andrade esboçou com sensibilidade a década de 1920 parisiense com traços charmosos e ornados. Ainda no Centro Histórico, o pintor Agamenon Amorim retratou, em dois painéis na entrada principal do Mercado Caparrosa, localizado no Cais do Porto, um à direita e outro à esquerda, a rotina da antiga Feira livre a qual ocorria em frente a esse Mercado na década de 1980. Além disso, reconstrói o entorno do cotidiano do areeiros existentes no Rio Grande, que cruza a cidade, até o registro dos bares e demais locais de comércio os quais coexistiam à comercialização de alimentos na Feira. Enquanto isso, no local onde o poder municipal instituiu de modo permanente a Feira de abastecimento na cidade existe outro mural. Lá, o pintor Randesmar Vieira esboçou com pinceladas rápidas um painel que reafirma o cotidiano notado por ele na Feira. Em sua obra, expõe as frutas e verduras vendidas no local por meio de pinceladas rápidas e com a tinta aguada o que nos remete à leveza de seu traço.

Portanto, todos os painéis estabelecem, pelas percepções dos artistas, uma leitura poética do ambiente vivido que se exhibe a vários habitantes da cidade. Mesmo que, por vezes, o impacto sobre os lugares seja momentâneo elas também podem transformar-se em duradouro, pois podem conduzir a um processo de verificação das intenções de interferência sobre os espaços de vida coletiva (FONTES, 2013, p. 13). E são desses momentos, dados em apreensões da percepção que ressaltam o contexto cultural e histórico afirmando um caráter memorialístico inscrito por meio da arte mural. Com isso, vale ressaltar que a proposta que aqui se apresenta tenta exaltar os contextos de vida e de cotidiano na cidade e na região que, quase sempre, se mesclam entre ambientes praticados, o rural e o urbano. Dessa forma, se estabelece também a valorização da criatividade do artista e o aguçamento da percepção do morador e/ou transeunte por meio desses espaços quando explora e evidencia um meio ambiente comum a todos.

Além disso, faz-se interessante a aproximação da população em geral das linguagens da arte, especificamente, por intermédio dos exemplos acima citados, quando algo se interfere no cotidiano. Com isso, a criação e o trabalho sobre as paredes da cidade, no caso do Ateliê urbano, são compartilhadas com os moradores dos locais em que são esboçadas e, quase sempre, se voltam a participar das ações produzindo uma clara sensação de autoestima diante do empenho em decorar as ruas da cidade em que todos vivemos.

4 METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia utilizada neste projeto prevê as seguintes etapas: primeiramente, foram e, são ainda, verificados espaços que desejam acolher as ações podendo ser locais variados. Entre eles, estão escolas, creches, espaços públicos e privados. Após essa identificação e contato inicial, foram realizadas reuniões com os líderes de comunidade e/ou rua e diretores de escolas para explanação do projeto, com agendamento prévio. Nessa reunião foram exibidos registros fotográficos de outras intervenções feitas pelo grupo e que servem de apresentação e conheci-

mento para novas propostas.

Mais adiante, depois de marcado o espaço, os membros do projeto reúnem-se para discutir a temática artística a qual será baseada na interpretação de elementos da cultura de cada local. Nos encontros do grupo sempre são colocadas em destaque as ideias expostas por aqueles que cederam o espaço e vislumbrando a fusão das ideias e esboçadas por meio de desenhos. Desse modo, o tema da intervenção artística poderá ser conduzido a partir de pesquisas na cultura local, embasadas em entrevistas, relatos dos moradores, fotografias antigas cedidas para consulta e cópia e, ainda, pela utilização de diário de bordo para os membros. Além do mais, consultamos acervos museais municipais e de documentos com intuito de suporte à construção de composições visuais ao longo do trabalho.

A cada ação os membros ficam encarregados de auxiliar na pesquisa teórica e visual do tema da intervenção e elaboração da proposta artística. A partir disso, se estabelecem a elaboração do projeto visual que se relaciona com uma união de ideias e esboços colaborativos os quais são retirados em partes dos diários de bordo dos integrantes do projeto. Pretende-se, portanto, a execução de, no mínimo, uma ação artística mensal do grupo de acordo com o esboço do desenho para ação, sempre, elaborado a partir de um cronograma prévio.

A partir disso, o grupo verifica a viabilidade da linguagem de arte urbana a ser elaborada podendo ser utilizada uma ou a junção de várias delas. Entre elas, utilizamos abordagens artísticas pelo Graffiti e pintura mural. No entanto, estamos verificando a utilização de outras linguagens como o stêncil, o lambe-lambe e/ou o pôster. Quase sempre, em relação às intervenções que realizamos até aqui demos preferência à pintura mural e ao Graffiti. Desse ponto em diante, fazemos pesquisas e busca por materiais com custo acessível de acordo com a especificidade da linguagem a ser utilizada.

Além disso, quando as propostas de intervenções são acolhidas por Escolas promovemos Oficinas de stêncil, a partir da faixa etária de 10 anos acima. As atividades iniciam antes da ação do projeto na escola tendo em vista o entendimento, pelo aluno, das ações do projeto em sua escola. Nesse viés, por meio das Oficinas, proporcionamos aos estudantes que os mesmos tenham aproximação e compreendam o que são as práticas artísticas com a linguagem da arte urbana. Nessas atividades fomentamos um processo criativo livre para a feitura do stêncil numa tentativa de explorar e incitar a criatividade do estudante.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo dos dois anos de vigência do projeto, registrado em março de 2015, conseguimos realizar três intervenções na cidade de Barreiras (BA). A dificuldade colocada e que se reflete em poucas intervenções ao longo do período de dois anos e meio de vigência se debita aos longos períodos de greve docente no ano de 2015 e, greve discente, em 2016. Viemos colocar o Ateliê urbano em prática, efetivamente, apenas em 2016, quando realizamos nossa primeira intervenção artística na Creche Municipal Sagrado Coração de Jesus (Figura 1). Além disso, boa parte dos membros que, inicialmente, faziam parte do projeto, que somavam o número de cinco componentes vieram a desistir da participação no planejamento das ações por motivos pessoais depois do período de greve. Por consequência disso, tal redução acarretou o impedimento das intervenções na cidade.

Figura 1 - Membros do Ateliê urbano e Diretoras e Coordenadora pedagógica da Creche Municipal Sagrado Coração de Jesus ao final da intervenção artística.



Fonte: Mariele Ferreira/Acervo Ateliê urbano, 2016.

Neste ano de 2017, após recompor o projeto com novos membros, demos andamento às atividades das ações artísticas. Com isso, realizamos duas intervenções na Rua Humaitá, a qual se denomina também como a primeira rua de Barreiras, quando o Ateliê urbano foi convidado a participar da revitalização daquele espaço a qual foi motivada pela iniciativa dos próprios moradores. Nessa Rua, a qual acolhia em tempo passado um porto, hoje, é morada de várias famílias que desejaram recontextualizá-la por meio da pintura colorida das fachadas das casas. A partir disso, o projeto adentra à iniciativa com ações realizadas entre maio a julho de 2017, quando as atividades aglutinaram os moradores do local e os integrantes do Ateliê urbano como podem ser vistas nas imagens abaixo (Figura 2 e 3).

Figura 2 e 3 – Intervenções artísticas do projeto Ateliê urbano na Rua Humaitá, em Barreiras (BA).





Fonte: (Figura 2) Rafael Sancho/Acervo Ateliê urbano, 2017; (Figura 3) Daniel Brito/Acervo Ateliê urbano, 2017.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta extensionista que aqui se apresentou tem ultrapassado os limites dos município de Barreiras, como exposto no início do texto. O interesse de outras cidades da região oeste acaba por alargar as ações do projeto Ateliê urbano. Com isso, as atividades dele possuem um calendário para outras intervenções tanto nas cidades como também no interior. Analisando tal momento, apenas se constata que a região do oeste baiano permanece carente de arte para que se faça exibir e exaltar as características culturais que, por vezes, estão esmorecidas. Ao nosso ver, tal questão demanda assimilação e depósito de valorização da cultura local entoada pela própria Universidade em atender e colocar em prática questões demandadas pela própria população.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARLSSON, Benke. **Street art: técnicas e materiais para arte urbana**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: FAPERJ, 2013.